

As correntes que vão dar o rumo da Constituinte

Os times estão escalados. A iniciativa privada invade o plenário da Câmara dos Deputados, no dia 1º de fevereiro de 1987, com nomes do peso de Delfim Neto, ex-Ministro e todo-poderoso da economia brasileira; Ronaldo César Coelho, comandante de 25 empresas e um dos Deputados mais votados do PMDB do Rio de Janeiro; Francisco Dornelles, primeiro Ministro da Fazenda da Nova República; e Alysson Paulinelli, ex-Ministro da Agricultura eleito em Minas Gerais com o apoio direto de agropecuaristas.

O sindicalismo e a esquerda escalam figuras do porte de Luiz Inácio Lula da Silva, o mais conhecido representante da elite sindical brasileira; Roberto Freire, um dos raros militantes do PCB vitoriosos nesta eleição; José Serra, economista de São Paulo e gestor da Copag (Comissão do Plano de Ação de Governo), cria-

Há um grupo que não aparece mas domina as regras do jogo: são os articuladores

da por Tancredo Neves; e políticos estreantes como o jovem Edmilson Valentim, eleito pelo dogmático PCdoB do Rio de Janeiro. Debates acadêmicos sobre direito de propriedade, gestão das empresas públicas, privatização e estatização deverão concentrar as atenções desses dois grupos.

Outro contingente de políticos, no entanto, fará do poder de articulação o seu motivo de brilho

na Constituinte. Muitos não aparecerão publicamente, não serão notícia nos jornais, mas invariavelmente estarão por trás das negociações e dos acordos indispensáveis à conciliação de tantos interesses antagonísticos. Neste grupo podem ser incluídos políticos como Fernando Lyra, do PMDB de Pernambuco, ex-Ministro da Justiça; Euclides Scalco, do PMDB do Paraná, vinculado à esquerda do partido; Pimenta da Veiga, Líder da bancada do PMDB na Câmara, agora questionado pela derrota da dissidência que liderou, em torno de Itamar Franco, em Minas Gerais; Ibsen Pinheiro, do PMDB gaúcho, de reconhecida capacidade de aglutinação. Haverá espaço, certamente,

para os especialistas, políticos que se elegeram em função de temas específicos que prometem defender no plenário ou simplesmente porque conseguiram se apresentar ao eleitorado como experts em Direito Constitucional. São os casos de Alvaro Valle, do PL, o deputado mais votado do Rio de Janeiro, cujo partido sequer lançou candidato a Governador; Egídio Ferreira Lima, do PMDB de Pernambuco, que tinha como slogan de campanha a frase "Constituinte por vocação"; Bernardo Cabral, do PMDB do Amazonas, ex-Presidente nacional da OAB; ou Irajá Andara Rodrigues, deputado do PMDB do Rio Grande do Sul que faz do municipalismo e da reforma tributária o seu cavalo de ba-

Ulysses na Presidência, Delfim no comando dos conservadores, Lula liderando a esquerda

talha. Um quinto grupo — talvez o mais importante da Constituinte — estará formado pelos políticos que, independentemente de posições ideológicas ou conhecimentos específicos, serão decisivos nos momentos de votação por que exercem liderança sobre partidos, bancadas ou facções. O mais notável desses líderes é obviamente Ulysses Guimarães, Presidente nacional do PMDB e

virtual Presidente da própria Constituinte. Luiz Inácio Lula da Silva inevitavelmente acabará por liderar a bancada dos sindicalistas, pelo menos daqueles que se vinculam à Central Única dos Trabalhadores. Antônio Carlos Konder Reis, eleito pelo PDS de Santa Catarina, exercerá liderança escudada na capacidade de conciliação e na experiência que acumulou na condição de Relator da Constituição de 1967. Delfim Neto, eleito pelo PFL de São Paulo, é candidato lógico a líder dos defensores da livre-iniciativa. César Maia, o mais votado do PDT do Rio de Janeiro, além de especialista em temas econômicos tem caífe para vir a ser o Líder da bancada do PDT na Constituinte.

DE UM LADO, OS DEFENSORES DA LIVRE INICIATIVA; DE OUTRO, OS SINDICALISTAS

Um grupo numeroso representa o interesse do capital

DELFIN NETO (PDS-SP) — Mesmo ferrenhos adversários o consideram um dos mais brilhantes economistas do País. Após a Revolução de 64, apenas não exerceu cargos executivos durante o Governo de Ernesto Geisel. Foi levado a essas atividades por Roberto Campos, hoje Senador e seu companheiro do PDS. Nomeado Ministro da Fazenda por Costa e Silva, conseguiu alcançar os dois principais objetivos de sua gestão: reduzir a taxa de inflação para 23 por cento e fazer crescer em 4,8 por cento o Produto Interno Bruto. Emílio Médici sucedeu Costa e Silva e manteve Delfim que, nesse período, empalmou o maior poder concentrado por um único Ministro após 64. Foi a época do "milagre econômico", com o PIB registrando taxas de crescimento de até 11,4 por cento, em 1973, política baseada na opção pelas exportações como contrapartida às compras externas que garantiam a modernização e o desenvolvimento do parque industrial brasileiro. Foi uma época, também, de concentração de renda, achatamento salarial e facilidades à penetração do capital estrangeiro no mercado interno. A posse de Ernesto Geisel, em 1974, implicou o esvaziamento da força de Delfim. Nessa época de distanciamento do poder, foi atacado duramente por sua política econômica e acusado de ter manipulado — em 73 — os índices inflacionários com o objetivo de reduzir os reajustes salariais automáticos. Mesmo criticado, voltou ao Governo com a posse de João Figueiredo. Inicialmente, foi Ministro da Agricultura, mas sucessivas crises internas no Governo o levaram novamente ao controle da economia, em meio às dificuldades que resultavam de uma crise internacional para a qual o Brasil não tinha se preparado. Não conseguiu quebrar a inflação, que se manteve no patamar de 100 por cento, mas



nessa época afirmava que o principal problema a ser enfrentado era o balanço de pagamentos e não a inflação: "Se o Brasil não puder fazer face ao pagamento de suas importações, a economia para", declarava. As reclamações do empresariado contra a sua política de contenção dos gastos públicos, respondeu: "Eles só querem as tetas do Governo".

LUIZ ROBERTO ANDRADE PONTE (PMDB-RS) — É o seu primeiro mandato. Presidente da Câmara Brasileira da Construção Civil, teve sua eleição fortemente apoiada por empresários gaúchos e de outros Estados. Vincula-se à ala mais conservadora do PMDB do Rio Grande do Sul.

GUILHERME AFIF DOMINGOS (PL-SP) — Presidente da Associação Comercial de São Paulo. Foi Secretário de Agricultura do Governo Paulo Maluf e até hoje tem vínculos com o candidato derrotado do PDS. Mas concorreu pelo PL e apoiou Antônio Ermírio de Moraes

RONALDO CÉZAR COELHO (PMDB-SP) — Dono do sexto maior conglomerado empresarial do Rio, tem a livre-iniciativa como bandeira. Vai ao Congresso disposto a fazer carreira: "Quero ser Governador do Rio", repete insistentemente. Acha que a simples distribuição de terra não vai resolver o problema fundiário do Brasil. É necessário, na sua opinião, um amparo técnico ao camponês. Ele também é contrário à estabilidade no emprego porque, a seu ver, isso inibe as leis de mercado da economia.

VICTOR FONTANA (PFL-SC) — É o Diretor-Superintendente da Transbrasil e da Sadia. Licenciou-se do cargo de Vice-Governador para

concorrer. O direito de propriedade é sua principal palavra-de-ordem. Considerado um conservador.

JOSÉ GERALDO RIBEIRO (PMDB-MG) — Dono da Engesolo Engenharia, foi Secretário Estadual de Negócios Especiais. Empreiteiro, representará os interesses do setor de construção na Constituinte. Antes de ser do PMDB, é da bancada de Hélio Garcia.

ALYSSON PAULINELLI (PFL-MG) — Conservador, o Ministro da Agricultura do Governo Geisel foi eleito com apoio expresso dos ruralistas de Minas Gerais, inclusive os integrantes da União Democrática Ruralista. Defende a modernização da agricultura, o aumento da produtividade e a capitalização do campo.

EXPEDITO MACHADO DA PONTE (PMDB-CE) — Empresário bem-sucedido do Nordeste, proprietário de dez empresas, entre as quais a Villejack Jeans, foi Ministro de Viação e Obras Públicas de João Goulart. Cassado pela Revolução de 64, nunca mais colocou os pés em Brasília, até o início do ano, quando comunicou ao Presidente José Sarney que pretendia resgatar o seu mandato parlamentar.

FRANCISCO DORNELLES (PFL-RJ) — Secretário da Receita Federal durante o Governo Figueiredo, apoiou Tancredo Neves, seu tio, e foi o primeiro Ministro da Fazenda da Nova República. Defende a livre iniciativa e a redução da presença do Estado na economia.

JOÃO AGRIPINO (PMDB-PB) — Ex-Presidente nacional da UDN, partido pelo qual foi eleito Governador do Estado. Linha política: a defesa de um regime político aberto e da iniciativa privada. Contou com a colaboração de vários grupos empresariais.

Trabalho: a bancada que forma em todos os partidos

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (PT-SP) — Pernambucano de Garanhuns, Luiz Inácio da Silva se projetou como dirigente sindical nas greves de metalúrgicos em 1978, quando ainda era torneiro mecânico no ABC paulista. Em 81, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores e assumiu desde então o comando da nova legenda, que nasceu da própria experiência sindical dos metalúrgicos. O partido, forte junto ao movimento sindical, sempre enfrentou dificuldades para ultrapassar a porta das fábricas. Começou a ganhar as ruas com a eleição de Maria Luíza Fontenelle para a Prefeitura de Fortaleza e o bom desempenho de Eduardo Suplicy, em São Paulo, e Darci Accorsi, em Goiânia, no ano passado. Lula dirige um partido dividido em quase uma dezena de tendências sindicais, leninistas, trotskistas, católicas e ecológicas, mas mantém uma liderança que deve estender-se, agora, a uma parcela significativa dos representantes da esquerda na Constituinte. As suas propostas são as propostas da CUT, dirigida por seus correligionários. As suas teses são as teses de pelo menos a metade do movimento sindical brasileiro.

PAULO RENATO PAIM (PT-RS) — Secretário-Geral da Central Única dos Trabalhadores e Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas (município da Grande Porto Alegre). É seu primeiro mandato parlamentar. Vai seguir a liderança de Lula e as orientações da linha sindical do PT.

OLÍVIO DUTRA (PT-RS) — Ex-Presidente do Sindicato dos Bancários e integrante da cúpula nacional do PT, partido do qual é um dos fundadores. Concorreu a Governador em 82 e foi o mais votado do PT no Rio Grande do Sul. Será mais um



"lulista" na Constituinte. **MOEMA SÃO THIAGO (PDT-CE)** — Advogada, exilada política, pós-graduada em sociologia, fundadora e coordenadora do Comitê Pró-Anistia no Brasil. Eleita pelo PDT roubando uma parcela do eleitorado que apoiou Maria Luíza Fontenelle para a Prefeitura, Moema baseou sua campanha na defesa dos direitos da mulher.

ROBERTO FREIRE (PCB-PE) — Várias vezes deputado pelo MDB e PMDB, deixou o partido que o abrigou durante o período autoritário para ajudar a reorganizar o Partido Comunista Brasileiro. Foi o primeiro parlamentar a assumir, no Congresso, a defesa do comunismo.

FRANCISCO PINTO (PMDB-BA) — Advogado, pequeno proprietário rural, foi preso e processado várias vezes pelo regime autoritário, mas nunca perdeu seus direitos políticos. Liderou o chamado "grupo autêntico" do MDB. Hável negociador, toma posições radicais publicamente, mas é conciliador nas articulações de bastidores.

BENEDITA DA SILVA (PT-RJ) — Única vereadora eleita pelo PT em 82, Benedita da Silva, a Benê, começou a sua militância política na Associação de Moradores do Morro do Chapéu Manguera, no Leme, onde mora até hoje, ao lado do seu marido Agnaldo da Silva, o Bola, candidato a Vice-Governador na chapa de Fernando Gabeira. Benê sempre se definiu como três vezes discriminada, por ser mulher, negra e favelada, e por isso pretende defender o fim de todas as discriminações, além de lutar por um melhor atendimento na área da saúde.

JUAREZ ANTUNES (PDT-RJ) — Presidente do poderoso Sindicato de

Metalúrgicos de Volta Redonda, Juarez Antunes começou sua atividade partidária militando no PT, por onde tentou ser deputado estadual em 82, sendo derrotado. Depois da condução de uma bem-sucedida greve na CSN em 83, seu cacife político subiu e, em 85, seduzido por propostas de Leonel Brizola, abandonou o PT e aderiu ao PDT.

HAROLDO DE LIMA (PC do B-BA) — Engenheiro, ex-líder estudantil e dirigente da Ação Popular, grupo marxista que lutou contra o regime autoritário. Esteve preso entre 75 e 79, quando foi anistiado. É o atual Líder do PC do B na Câmara dos Deputados. Promete investir contra o militarismo na Constituinte, a começar pela defesa da unificação dos três Ministérios militares em um único Ministério da Defesa.

EDMILSON VALENTIM (PC do B-RJ) — Teve sua candidatura à Constituinte definida pelo PC do B — partido ao qual está filiado desde 83 — apenas em julho. A candidatura custou a Edmilson o emprego na multinacional Sulzer do Brasil (fabricante de caldeiras e equipamentos para usinas nucleares), mas teve como recompensa a eleição com uma votação que pode chegar a cerca de 50 mil votos. Filho de um ex-lavrador e contínuo do Banco do Brasil, Edmilson tem 23 anos — o mais jovem constituinte eleito até agora — e vai defender principalmente a suspensão do pagamento da dívida externa.

VIRGÍLIO GUIMARÃES (PT-MG) — Representa uma minúscula tendência marxista dentro do PT — a "Democracia Socialista". Curiosamente, é irmão de um dirigente da UDR. Vincula-se a CUT e vai submeter-se à liderança de Lula.

LÍDERES, ARTICULADORES, ESPECIALISTAS: O ENCAMINHAMENTO POLÍTICO E AS SOLUÇÕES TÉCNICAS

Presidir o reencontro da Nação é a missão de Ulysses



do palanques é o segundo Deputado mais votado de São Paulo.

FERNANDO LYRA (PMDB-PE) — Pertenceu ao Grupo Autêntico do MDB e foi um dos primeiros articuladores da candidatura de Tancredo Neves. Ajudou a costurar a Aliança Democrática e acabou nomeado por Tancredo Ministro da Justiça de Sarney, situação que o colocou, várias vezes, em rota de colisão com o Governo. Deverá exercer liderança na Constituinte, com facilidade de atuação junto a parlamentares de centro-esquerda de todos os partidos.

CÉSAR MAIA (PDT-RJ) — Os defensores intransigentes da livre-iniciativa terão certamente dois tipos de adversários na Constituinte: os sindicalistas e marxistas, de um lado, e os economistas que defendem "formas intermediárias" de produção entre o capitalismo e o socialismo. Este último grupo deverá ter como um dos principais representantes

o economista César Maia, eleito pelo PDT do Rio de Janeiro, candidato provável à liderança do partido. Pretende fazer da mudança no caráter da propriedade e do estímulo às pequenas e médias empresas suas principais bandeiras na Constituinte.

AMARAL NETO (PDS-RJ) — Único representante do PDS fluminense na Constituinte. Assumindo a posição de extrema-direita, sua principal bandeira será a defesa da pena de morte. Foi o último Líder do PDS na Câmara.

JOSÉ SERRA (PMDB-RJ) — É economista. Em 82 foi um dos coordenadores da campanha de Franco Montoro para o Governo de São Paulo e, depois, seu Secretário de Planejamento. Já no Governo, fez parte da Copag (Comissão Provisória de Assessoramento Governamental), criada por Tancredo Neves e também participou da elaboração do Plano Cruzado. Certamente terá papel de liderança dentro do PMDB.

Prisco, a eficiência em qualquer posição

PRISCO VIANA (PMDB-BA) — Ex-Secretário-Geral da Arena e do PDS. Apoiou Paulo Maluf no Colégio Eleitoral e este ano ingressou no PMDB, conquista festejada pelo partido devido à sua competência como articulador e negociador político.

LÚCIO ALCANTARA (PFL-CE) — Foi um dos fundadores do PFL no Ceará. Como Presidente da Comissão Provisória do Partido, percorreu todos os municípios do Estado, formando diretórios. Tem fama de articulador político competente.

ANTÔNIO BRITTO FILHO (PMDB-RS) — Já como jornalista político em Brasília e, mais tarde, co-

mo assessor de Tancredo Neves, cuja morte poucos presenciaram tão de perto, Britto se caracterizou pela capacidade de aglutinação e conciliação de interesses, ajudada pelo fato de ter amigos em todos os partidos e tendências ideológicas.

JOSÉ TOMAS NONÔ (PFL-AL) — Se repetir na Constituinte o estilo que mostrou no mandato atual, como Deputado federal, poderá se tornar um importante conciliador de interesses entre as diversas bancadas. Considerado um pefelista de posições avançadas, tem ótimo trânsito junto ao PMDB e setores de esquerda desse partido.

EUCLIDES SCALCO (PMDB-PR)

Konder Reis, um relator testado em 1967

ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS (PDS-SC) — Conservador, presidiu o PDS de Santa Catarina e agora se elege Deputado por esse partido. Leva à Constituinte duas virtudes: a capacidade de conciliação e aglutinação política e a experiência adquirida como Relator da Constituição de 1967.

CARLOS S'ANTANA (PMDB-BA) — Médico, ex-Ministro da Saúde, muito ligado ao ex-Presidente Tancredo Neves. Na Constituinte, deverá desfilar a bandeira da reforma do sistema de saúde no Brasil.

VICTOR FACCIÓNI (PDS-RS) — Presidiu o PDS no Rio Grande do Sul no tempo em que o partido tinha força política no Estado. É um conser-

vador que deverá lutar, na Constituinte, pela adoção do regime parlamentarista.

IRAJÁ ANDARA RODRIGUES (PMDB-RS) — Foi Prefeito de Pelotas, a principal cidade gaúcha depois da Capital. É de centro-esquerda e promete repetir, na Constituinte, a linha de atuação que teve como Deputado federal: lutar pela reforma tributária — é autor de vários projetos nesse sentido — e pelo fortalecimento dos municípios.

JOSÉ ELIAS MURAD (PTB-MG) — Médico e bioquímico, elegeu-se após exaustiva pregação contra o consumo de drogas. Deverá caracterizar sua atuação pelo esforço para ver implantada uma nova política nacional de controle de medicamentos e de nacionalização da indústria

— É historicamente ligado a Ulysses Guimarães, que lhe confluía a Secretaria-Geral do PMDB. Teve vínculos com o antigo Grupo Autêntico do MDB. É cogitado como um importante articulador na futura Constituinte.

PIMENTA DA VEIGA (PMDB-MG) — A dissidência que liderou em Minas para apoiar Itamar Franco — uma vez derrotada — tem lhe trazido questionamentos dos peemedebistas vitoriosos. Ainda assim, tem a confiança da cúpula do partido e será presença constante nas negociações dos bastidores da Constituinte.

ALVARO VALLE (PL-RJ) — Carioca da Tijuca, advogado, diplomata, fundador e Presidente do PL, Alvaro Valle foi o candidato a Deputado Federal mais votado no Estado do Rio e estará em seu quarto mandato. É um liberal que se dedica especialmente à educação e que pautou sua campanha e a de seu partido pela primazia da Constituinte sobre a eleição do Governador.

EGÍDIO FERREIRA LIMA (PMDB-PE) — Usou na campanha o slogan "Constituinte por vocação". Pertence à chamada "esquerda católica" do PMDB. Será na Constituinte um dos maiores conhecedores das Constituições e de seus mecanismos.